**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM SALA DE AULA – UM ESTUDO TEÓRICO**

***LINGUISTIC VARIATIONS IN THE CLASSROOM- A THEORICAL STUDY***

**Resumo**

 A Língua Portuguesa usada no Brasil não é uniforme, pois é constituída de muitas variedades. Assim, o ensino da variação linguística na escola é importante para que o aluno consiga identificar nas práticas sociais \_ afinal a língua é uma instituição social\_ as regularidades das diferentes variedades do português, reconhecendo os valores sociais implicados. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que, muitas vezes, o ensino de língua materna está associado à concepção de “erro”, o que na verdade deveria ser revisto sob a ótica da adequação às circunstâncias de uso. Tendo isso como base, o presente artigo se inclina sobre o ensino da variação linguística, mais especificamente nas escolas públicas de Pinhal de São Bento, Santa Izabel do Oeste e Pérola D Oeste no estado do Paraná.

Constata-se que o conhecimento abordado em sala e nos livros didáticos se revela impreciso e superficial e não se mostrou capaz de modificar velhas práticas conceitos e permanece uma visão de que a língua é homogênea.

Poucos conteúdos fazem referência a um confronto entre variedades dialetais como um meio para o ensino de diferentes formas de falar, considerando os níveis de formalismo adequados aos contextos comunicativos. Por outro lado, verifica-se que a proposta curricular para o Ensino Fundamental e o livro didático pouco ajudam os docentes a realizar um ensino que considere a variação linguística de maneira abrangente e efetiva.

**Palavras – chave**: Variação Linguística; livro didático; sociolinguística.

**Keywords**

The Portuguese used in Brazil is not uniform, it consists of many varieties. Thus, the teaching of language variation in school is important for the learner to identify the social practices \_ after all language is an institution social\_ the regularities of different varieties of Portuguese, recognizing the social values involved. First, we must remember that often the mother tongue teaching is associated with the concept of "error", which actually should be reviewed from the perspective of adptation to the circumstances of use. With this as a basis, this article leans on the teaching of language variation, specifically in the public schools of Pinhal de São Bento, Santa Izabel West and Pearl D West in the state of Paraná.

It appears that the knowledge covered in the classroom and in textbooks proves inaccurate and superficial and was not able to change old practices and concepts remains a view that language is homogeneous.

Few contents refer to a confrontation between dialectal varieties as a means for teaching different ways of speaking, considering the formalism levels appropriate to the communicative contexts. On the other hand, it appears that the proposed curriculum for the elementary school and the textbook little help teachers undertaking a teaching that consider the linguistic variation in a comprehensive and effective.

Key - words: Variation Linguistics; textbook; sociolinguistics.

**Introdução**

 A língua portuguesa é heterogênea, ou seja, varia segundo o status social, o grau de instrução, o lugar de origem, o sexo e a profissão, entre outros fatores. O contexto formal ou informal no qual o falante se encontra é o fator de variação linguística transformado em um dos grandes desafios da escola no tocante ao ensino do português brasileiro: abordar as questões de variação linguística numa perspectiva que não aborde entre o “certo” e o “errado” diante dos diversos usos da língua.

 A fala, como reflexo característico de cada povo, é fator decisivo na definição de uma comunidade, tornando-se fundamental para o conhecimento e análise das ações humanas, razão pela qual tem sido foco de estudos e pesquisas de grande incidência nas últimas três décadas. Dentre outros itens identitários, através da fala podemos identificar e diferenciar cada comunidade. Através dela e da variação no seu uso podemos perceber a inserção do indivíduo em determinados grupos sociais.

 De acordo com os PCN's, é responsabilidade da escola proporcionar os diversos saberes linguísticos aos seus alunos, porém na prática o que se vê são aulas voltadas para a super valorização da norma culta. É claro que a mesma deve ser estudada, mas não de forma superior as demais, como também os educadores precisam ter a formação adequada para fazer as devidas intervenções quando necessário.
 É importante ressaltar que a linguística defende o trabalho com a variação linguística, porém a escola deve oferecer os diversos saberes linguísticos e orientar aos seus alunos a ocasião em que cada um pode e deve utiliza-la, já que a linguística prima pela adequação da variedade às situações comunicativas, pois dessa forma consequentemente estará respeitando a cultura dos educandos e fazendo com que eles não sejam discriminados por sua forma de falar, já que:

“A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro as diferentes situações comunicativas (...) é saber, portanto, quais variedades e registro da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige”. (BRASIL, MEC-SEF,1997, p.31).

 Segundo Bortoni-Ricardo (2004), um domínio social é um espaço físico onde pessoas assumem determinados papéis sociais ao interagirem. Estes são definidos por normas socioculturais e construídos no próprio processo de interação humana. A sala de aula, por exemplo, é um domínio social. Nela, encontra-se variação linguística na fala de alunos e professores, como também nos diversos gêneros textuais veiculados a cada curso, a cada nível de escolarização.

 Diante disso pretendo pesquisar como os professores estão trabalhando não somente as variedades linguísticas de prestígio, mas também as variedades populares, principalmente as variantes dos alunos, também analisaremos se os livros didáticos abordam esse conteúdo e de que forma.

 A pesquisa foi realizada em três escolas públicas da zona urbana, do estado do Paraná, tomando por base estudos fundamentados na sociolinguística, principalmente nas pesquisas de Bortoni Ricardo (2005), Marcos Bagno(2007), Molica(2003), entre outros.

**Variação linguística**

 As pessoas que vivem em sociedade, com uma longa tradição escrita, com uma história literária de muitos séculos e um sistema educacional organizado se acostumaram a ter uma ideia de língua muito influenciada por essas instituições. Para elas só merece o nome de língua um conjunto muito particular de pronúncias, de palavras e de regras gramaticais que foram selecionadas para compor a chamada norma padrão.

 Portanto, para Bagno (2007) o que se convencionou chamar de língua nas sociedades letradas, é na verdade um produto social, artificial que não corresponde àquilo que a língua realmente é.

 Segundo Bagno (2007) o que chamamos de língua, é só uma aparência, uma ilusão nascida dos nossos hábitos culturais e das nossas relações sociais definindo a língua como sendo:

“Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua na visão dos sociolinguistas é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põe a interagir por meio da fala e da escrita”. (MARCOS BAGNO, 2007, p.36).

 Uma língua viva é dinâmica, e por isso está sujeita a variações, assim segundo Bagno, a variação e a mudança linguística é que são o estado natural das línguas, pois se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades , são sempre heterogêneos, diversificados e sujeitos a transformações, seria impossível que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas.

 Molica ( 2003 p.10-11) traz o seguinte conceito de variação:

“A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente.”

 De acordo com Mollica (2003) a variação linguística pode ocorrer nos eixos diatópico/geográfico e diastrático/social. No primeiro, é observada nos modos de pronunciar as palavras, como em [tchia] ou [tia]; na escolha do léxico, como ocorre com macaxeira, aipim, mandioca. No segundo, é a variação verificada nas diferentes camadas sociais da população, a depender do grau de escolarização, se o falante é proveniente da zona rural ou urbana.

 Bagno (2007) cita outros dois eixos, a saber: diafásico – dia, expressão grega que significa através de e phásis, também do grego (modo de falar) – é a variação mais observada na sala de aula, em que alunos e professores usam diferentemente a língua a depender do grau de monitoramento; diamésico – o adjetivo provém de diá e do grego mésos, que significa meio (de comunicação) – ocorre dependentemente do gênero textual escolhido para o ato comunicativo. É a variação em que se observam as diferenças entre as modalidades verbal-oral e verbal-escrita.

 Ainda, Fregonezi referindo-se as variações, afirma:

“O contexto social do enunciado específico, a posição social do locutor, sua origem geográfica e sua idade. Cada um destes aspectos proporciona um conjunto útil de generalidades”. (FREGONEZI, 1975, p. 16).

 Tendo estas ideias como base, o professor deve proporcionar ao aluno o conhecimento das variedades presentes na língua, porque “é uma instituição social”, portanto não pode ser considerada como forma de domínio e/ou classificada em escala de valores, pois muitas vezes os preconceitos são gerados por causa do desconhecimento da variação linguística.

 O ensino de língua portuguesa, na escola, está fundamentado sobre a corrente tradicional, normativa, tangenciando as variedades linguísticas, que são estabelecidas de forma natural. Nas palavras de Bagno (2002, p. 10), “a língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.”

* **Breve histórico da sociolinguística**
* Segundo Mollica (2004) a sociolinguística é uma das vertentes da linguística que se propõe a estudar a língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando a investigação aos aspectos linguísticos e sociais.

“ [...]A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais.” [...] (MOLLICA, 2004, p.10).

 Partindo do pressuposto de que é possível estudar e descrever a variação, e que a variação está intimamente relacionada a fatores estruturais e sociais, buscar-se-á estudar sob a nova perspectiva de ensino, o da pedagogia da variação linguística. Seguir-se-á estes princípios da sociolinguística, porque é perceptível que o ensino da variação linguística em sala de aula deve ser trabalhado levando em consideração o meio social em que o aluno está inserido, portanto, a língua é entendida como um fato social que só acontece por meio de seus falantes.

* **Variação e ensino**.

 Ao chegar na escola o aluno já carrega consigo uma bagagem linguística, pois convive diariamente com diferentes pessoas.

“A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades, aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. Sabe, por exemplo, que existem formas mais ou menos delicadas de se dirigir a alguém, falas mais cuidadas e refletidas, falas cerimoniosas. Pode ser que saiba, inclusive, que certos falares são discriminados e, eventualmente, até ter vivido essa experiência.” (PCN – Língua Portuguesa, 1998, p.81 e 82)

 O papel da escola frente às diferenças sociolinguísticas é de fundamental importância, não podemos simplesmente ignorar as peculiaridades linguístico-culturais dos alunos e querer substituí-las pela língua da cultura institucionalizada. Pelo contrário, a variedade linguística desses alunos precisa ser respeitada e valorizada, sem que lhes seja negada a oportunidade de aprender as variantes de prestígio, pois a língua é um dos bens culturais mais importantes para a ascensão social.



Fonte: <http://cirandadelinguagens.blogspot.com.br/>

 Diante desse dilema como fica a escola? De acordo com Bortoni Ricardo (2005, p.14):

“A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores, e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem á propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade.Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão ; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades .Há que se ter em conta ainda que essas reações dependem das circunstâncias que cercam a interação.Os alunos que chegam a escola falando “nós cheguemu” e “abrido” e ele “drome”, por exemplo,têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas tem o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões . Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas da ascensão social.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).)

 A escola precisa ter como ponto de partida as variedades linguísticas utilizadas pelos alunos, levando em conta os contextos sociais em que estão inseridos; precisa considerar que essas diferentes variedades têm uma existência exterior (ou anterior) aos sujeitos e aos processos históricos, sociais e políticos, à identidade e à cultura que a linguagem veicula”, e, portanto, tudo isso precisa ser valorizado e respeitado. Assim, um dos problemas do ensino de língua materna estaria pelo menos, sendo amenizado, pois a questão da variação linguística é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes que interferem nas relações em sala de aula e na qualidade de apropriação do saber.

 Ainda no livro “A língua de Eulália”, Bagno (2000) traz à tona que o uso do português padrão ou do não padrão sofre preconceito, uma vez que pessoas são discriminadas por pronunciarem de forma “errada” a língua. Dentro do estudo da sociolinguística, fica evidente que não há erros na linguagem e, sim, variações, que dependem do dialeto de cada região, idade, cultura, etc. O que é realmente discutido não é o uso ou não do português padrão, mas a desigualdade social causada pela discriminação.

 Bagno (2000) argumenta que falar diferente não é falar errado e o que pode parecer erro no português não padrão tem uma explicação lógica, científica (linguística, histórica, sociológica, psicológica).

 O modo como o professor enxerga e se relaciona com a língua determinará como ele trabalhará as variedades linguísticas, a norma padrão, a gramática, enfim, o professor é um fator determinante em todo o processo para colocar em prática e alcançar a reeducação sociolinguística, revendo e reavaliando muitas concepções de ensino, e partindo para a proposta da pedagogia da variação linguística, onde, a tarefa é contextualizar, letrar e capacitar os nossos alunos a refletirem sobre sua língua, desenvolvendo um senso crítico, e estar capacitado a selecionar, monitorar, o que irá falar e/ou escrever dependendo do contexto, aprendendo a respeitar as variações linguísticas e dominá-las.

* **Coleta de dados- pesquisa**.

 Com o objetivo de analisar questões referentes como a variação linguística é tratada nas escolas e livros didáticos, pesquisou-se em três escolas públicas, para que fosse possível constatar se o ensino das mesmas ocorrem de maneira satisfatória ao conhecimento necessário aos alunos.

Após seguem a análise das entrevistas e posteriormente os resultados alcançados.

**Análise das entrevistas**

**Perguntas aplicadas aos professores :**

1. Nome da escola:

2. Quanto tempo ministra a aula?

3. Possui licenciatura na disciplina especifica?

(sim) (não)

4. Como você vê o ensino da variação linguística em sala de aula? Considera importante?

5. O livro didático, o qual utiliza em sala aborda questões de variação linguística? Como aborda tais questões em sala? Utiliza outros exemplos?

6. Como os alunos reagem a tal conteúdo? Apresentam preconceito com outros tipos de variação etc?

**Análise da questão 1**

* As entrevistas foram realizadas com professores das escolas estaduais:
* Presidente Vargas de Pinhal de São Bento,
* Escola Estadual Marquês de Maricá de Santa Izabel do Oeste
* Colégio Estadual Padre Réus de Pérola D Oeste.

**Análise da questão 2**

 Em relação à prática docente dos professores pesquisados, constata-se que todos possuem grande experiência em sala de aula, e por estarem muito tempo fora da universidade e, duas delas não dando continuidade nos estudos da área, acabam tendo dificuldades na aplicação de tipos textuais- conteúdos recentes- que devem ser ensinado aos alunos.

 “Para Bagno, 2007, o impacto dessa nova concepção de ensino, é sem dúvida, muito positivo. No entanto, como tudo o que é novo, ela precisa vencer pelo menos dois grandes obstáculos: (1)a resistência das pessoas muito apegadas às concepções antigas e as práticas convencionais do ensino, e (2) a falta de formação adequada das professoras para lidar com todo um conjunto de teorias e práticas que até então jamais tinham aparecido como objetos e objetivos do ensino do português”.(BAGNO,2007,p.28.)

**Análise da questão 3**

 Todos os professores pesquisados possuem licenciatura em Letras.

 **Análise da questão 4**

 No que se refere a importância do ensino da variação linguística, as respostas foram satisfatórias, como resultado seguem as respostas, que serão demarcadas por siglas:

Professor A: Certamente é importante conhecer esta diferença que há em nossa maneira de nos comunicarmos. Saber da variação linguística existente em nosso meio é importante, pois a forma de comunicação é diferenciada, porem temos uma língua padrão a qual na escrita é considerada a correta.

Professor B: . Não vejo o ensino da variação como algo simples, também devemos ensinar o valor da língua ,pois o trabalho com a linguagem requer do educador uma postura que vai além do certo e errado, superando os preconceitos linguísticos que habitam a sociedade e que tem reflexo na sala de aula. Sendo assim considero importantíssimo essa aprendizagem.

Professor C: É um conteúdo muito importante e precisa ser trabalhado com os alunos, principalmente para a desconstrução de um preconceito linguístico que se nota ainda hoje muito presente.

 **Análise da questão 5**.

 Nas respostas obtidas sobre livro x variações linguísticas, a reposta foi unânime todos os livros abordam, o ponto negativo foi que, de forma superficial, dificultando esse conteúdo, e se quiser aprofundar a aprendizagem, recursos extras precisam ser usados, ficando isso por conta do próprio professor. Conforme citação da professora C, que não usa livro didático, mas usou o personagem Chico Bento para ilustrar sua resposta, explicitou- se o que Bagno diz ser um problema para o ensino das variações, “passar para a norma culta”:

“Se o Chico Bento falar ‘segundo a norma culta’, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento! A graça do personagem está precisamente no seu linguajar, na sua visão de mundo característica da cultura rural, no seu apreço pela vida do campo, entre outros aspectos.Se existe algum trabalho pedagógico interessante a ser feito com o Chico Bento, é precisamente o de valorizar as diferenças socioculturais que o personagem tenta encarnar.”(Bagno 2007,p.123).

 A atividade que manda passar para a norma culta, acaba se revelando no fundo, tão preconceituosa quanto a atitude de discriminar o Chico Bento por “falar tudo errado”. Pois se num primeiro momento ocorre o reconhecimento da diferença, num segundo momento, quando se pede a reescrita, segundo a norma culta, essa diferença é transformada em deficiência em algo que pode e deve ser corrigido, e as formas consagradas pela gramática normativa é que terminam sendo enfatizadas como as que valem de verdade.

 Seguem as colocações dos professores:

Professor A: O livro didático traz o básico, cabe a nós professores aprofundar- mos o conteúdo sempre com mais exemplos. Cito sempre o livro a língua de Eulália, o qual faz uma bela análise da variação linguística.

Professor B: Aborda superficialmente, e não aborda muitas questões sobre variações, um dos poucos temas que o livro aborda é linguagem e interação, procuro sempre pesquisar algo a mais para complementar.

Professor C: Eu não uso o livro didático, no que diz respeito às variações, em muitas obras tendências a tratar de variação linguística como sinônimo de falas rurais, ou de pessoas não escolarizadas. Isso pode ser visto por exemplo numa tirinha do personagem Chico Bento, na tentativa de reproduzir o falar caipira, ficando evidente que a fala dele é inadequada em todos os contextos.

 **Análise da questão 6**.

 A questão número sete queria saber se os alunos encontram dificuldades em relação ao ensino da variação e como reagem a este conteúdo. Todos os professores apontam que quando o assunto é discutido, os alunos rotulam como erros ou acham engraçado.

 Aqui, seria importante como afirma Bagno (2007) “que os alunos entendam que as variantes encontradas não representam erros, nem a decadência da língua, como uma visão prescritivista conservadora poderia alegar.” Cabendo a professora buscar uma interpretação científica do fenômeno, apoiada em alguma teoria linguística consistente e trazê-las para seus alunos como hipóteses explicativas.

 A seguir, apresenta-se como os professores responderam a essa questão.

Professor A: Pode-se notar que o principio acham algo engraçado e começam a perceber que o que pensavam ser erro na fala de outras pessoas é apenas uma variação linguística. No entanto há dificuldade no inicio na compreensão de que existem maneiras diferentes de nos comunicar mas apenas uma maneira correta de registro que é a norma padrão.

Professor B: Apresentam essas variações como “falas erradas” para eles vejo que há um certo preconceito em relação a isso.

Professor C: Eu não uso o livro didático, no que diz respeito as variações, em muitas obras há tendências a tratar de variação linguística como sinônimo de falas rurais, ou de pessoas não escolarizadas.Isso pode ser visto por exemplo numa tirinha do personagem Chico Bento, na tentativa de reproduzir o falar caipira, ficando evidente que a fala dele é inadequada em todos os contextos.

**Considerações finais**

 Em vista dos fatos acima mencionados, compreende-se que os livros didáticos tendem a fazer um trabalho superficial sobre esse assunto e que,

apesar de defenderem a diversidade linguística, seguem defendendo estratégias de transformar o “errado” em “certo” e abordar a questão de maneira a perpetuar o preconceito linguístico.

 Todo tratamento dado à variação linguística, nos livros didáticos, se limita a contrapor a linguagem “coloquial” à linguagem “culta”, desconsiderando os aspectos de intencionalidade e adequação da língua. Com isso, verifica-se que este ensino não propicia a reflexão, nem explora os aspectos históricos, sociais e ideológicos que permeiam o tratamento dado à língua.

 Relatos da entrevista comprovam que os alunos tem preconceito extremo, e tudo o que for diferente da gramática normativa é considerado erro, ainda que alguns livros didáticos abordam o fenômeno da mudança, mas quase nunca avançam no sentido de esclarecer que a mudança não parou, que a língua continua se transformando e no futuro ela será diferente como é hoje, assim como a de hoje é diferente da que se falava há 500 anos atrás.

 Outro ponto importante da pesquisa foi observar que duas professoras desconhecem ou desconsideram o estudo linguístico e suas teorias dando ênfase somente a norma padrão e a gramática tradicional, vendo a língua estática e não conhecendo a língua materna em sua totalidade, como afirma Bagno (2007):

“Já não dá para assumir a velha postura dos gramáticos e professores de antigamente, que não admitiam absolutamente nenhuma alternativa as prescrições linguísticas contidas nos manuais normativos.Por isso chega a ser ridículo o papel que desempenham hoje em dia os defensores dessa mesma tradição prescritivista que se apoderaram dos meios de comunicação e esbravejam contra a “ruína” da língua perpetuando a velha tradição.”(Bagno 2007,p.114).

 Conclue- se que, no fim das contas o livro didático apresenta a variação para dizer, que o que vale mesmo é a norma padrão, aspecto negativo, pois não é nada educativo apresentar as formas variantes, para em seguida, fazer atividades que simplesmente negam o real valor desse conhecimento e que a visão da língua materna deve ser modificada á começar reeducando linguisticamente. Neste sentido Bagno (2007,p.224),acrescenta que’’quando ouvir um “ingrês”, “um trabaio”, ou um “nóis qué” em sala de aula,saiba aproveitar essa oportunidade para combater o riso debochado e preconceituoso”. Bagno enfatiza dessa forma que no ensino pautado nas teorias sociolinguísticas essas variedades devem ser consideradas como riqueza, fazendo com que os alunos adquiram conhecimentos sobre elas, de forma a possibilitar o desenvolvimento da capacidade de monitoração no uso da linguagem em quaisquer momentos, ou situações em que ela for requisitada.

**Referências Bibliográficas:**

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. Novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, Marcos.**Nada na língua é por acaso**:por uma pedagogia da variação linguística.São Paulo:Parábola Editorial,2007.

BRASIL. SEF/MEC. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa. Brasília, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FREGONEZI, D. E. ***A variação linguística e o ensino de Português***. Cornélio Procópio, FAFICL, 1975.

MOLLICA, Maria C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: **\_\_\_\_\_\_.** BRAGA, Maria L. (orgs**). Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.